

CIENTIFICIDADE DA ADMINISTRAÇÃO: o que Paul Feyerabend tem a nos dizer?

ANTONIO REINALDO SILVA NETO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à órgão de fomento:

O autor agradece o apoio financeiro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e a guarida do Núcleo de Pesquisa em Sistemas de Informação (NEPSI).

CIENTIFICIDADE DA ADMINISTRAÇÃO: o que Paul Feyerabend tem a nos dizer?

1 INTRODUÇÃO

A área da Administração, enquanto campo de estudo e prática, percorreu um caminho de consolidação ao longo das últimas décadas, acumulando teorias, métodos e técnicas voltadas à compreensão e transformação das organizações. Entre os acontecimentos mais marcantes desse processo, destacam-se duas grandes rupturas. A primeira deu origem às chamadas Escolas da Administração, como a Escola Clássica, que buscaram sistematizar o conhecimento organizacional com base na racionalidade técnica e na eficiência. A segunda ruptura deslocou o foco para a valorização do homem como ser humano, ressaltando o indivíduo em sua complexidade, com necessidades, valores e sentimentos, abrindo espaço para abordagens mais sensíveis à subjetividade e ao contexto.

Ainda nesta seara, é relevante apontar que a Administração possui uma multiplicidade de abordagens, como a funcionalista, a interpretativista, a crítica e até mesmo a pós-moderna indicando a coexistência de diferentes paradigmas (Burrell & Morgan, 1979), sem que um único deles tenha se tornado dominante a ponto de unificar o campo. Essa condição multiparadigmática, embora vista por alguns autores como sinal de imaturidade científica, pode ser reinterpretada como reflexo da complexidade do objeto de estudo, que envolve tanto estruturas organizacionais quanto relações humanas, cultura, poder e subjetividade (Silva & Neto, 2006; Bericat, 1998).

Nesse contexto, Whitley (1977) e Thompson (1956) defendem que a Administração deve ser compreendida como uma ciência social aplicada, pois opera sobre fenômenos sociais situados e, por isso, precisa lidar com variáveis contingentes, mutáveis e historicamente construídas. Essa perspectiva é reforçada por Andion (2023), ao argumentar que o campo é heterônomo, portanto constrói-se por meio do diálogo com saberes externos e da apropriação de conceitos, métodos e teorias oriundos de outras disciplinas. Longe de representar fragilidade, essa característica pode ser vista como força adaptativa, que permite responder de forma mais plural aos desafios organizacionais contemporâneos (Andion, 2023).

Mesmo assim, persiste na Administração uma forte influência do positivismo, associada à ênfase em métodos quantitativos, busca por generalizações e pretensão de neutralidade (Leão et al., 2009). Essa hegemonia metodológica tende a reduzir a complexidade dos fenômenos administrativos, limitando a compreensão de aspectos simbólicos, subjetivos e contextuais (Carneiro, 2009). Em reação a isso, emergem correntes interpretativistas e críticas que defendem a necessidade de abordagens qualitativas, estudos de caso, etnografias e outras estratégias sensíveis à diversidade e à singularidade das organizações (Andion, 2023).

É nesse ambiente de disputas epistemológicas que o pensamento de Paul Karl Feyerabend (1977) oferece uma contribuição provocativa. Em sua obra mais conhecida, o filósofo austríaco critica a ideia de um método científico único e universal, sustentando que a ciência avança justamente quando pesquisadores têm coragem de romper com convenções estabelecidas. Para Feyerabend, o progresso do conhecimento depende da liberdade metodológica, da criatividade e da disposição para explorar abordagens que, à primeira vista, podem parecer incompatíveis, princípio resumido em sua expressão célebre, denominada “tudo-vale”.

Importa ressaltar que, para Feyerabend, o “tudo-vale” não é sinônimo de anarquia desordenada, mas de reconhecimento de que diferentes métodos possuem limitações e que nenhuma regra metodológica é universalmente válida para todo objeto, tempo ou contexto (Feyerabend, 1977).

Ao contrário do relativismo absoluto, sua proposta é libertar a ciência de dogmas, estimulando a diversidade de métodos como condição para inovação e descoberta.

Transpor essa perspectiva para a Administração significa admitir que a riqueza do campo está justamente em sua pluralidade metodológica. A área lida com realidades organizacionais diversas, empresas familiares, multinacionais, organizações do terceiro setor, cooperativas, inseridas em contextos econômicos, culturais e institucionais distintos. Essa diversidade exige flexibilidade metodológica, como o caso das combinações entre abordagens quantitativas e qualitativas, como também estratégias variadas como estudos de caso, análises históricas, simulações, etnografias, entre outros (Oliveira & Nunes, 2021).

Nesse sentido, o anarquismo epistemológico de Feyerabend reforça a ideia de que a Administração não precisa abdicar da cientificidade para adotar a pluralidade em seus estudos. Ao contrário, pode consolidar-se como ciência social aplicada (Walter & Augusto, 2008; Taffarel & Silva, 2013; Silva & Costa, 2019) ao reconhecer que fenômenos complexos demandam métodos múltiplos, escolhidos de acordo com as perguntas de pesquisa, os contextos estudados, os fenômenos investigados e não apenas por conveniência ou tradição (Andion, 2023).

Dessa discussão, emerge o problema central que orienta esta reflexão: como a Administração pode se afirmar como ciência sem necessariamente adotar um único paradigma hegemônico? Ao longo deste ensaio, serão debatidos a trajetória histórica e epistemológica da Administração, a proposta pluralista de Feyerabend e as implicações do anarquismo metodológico como alternativa para superar as limitações impostas por paradigmas rígidos. Mais do que oferecer respostas fechadas, busca-se abrir um debate crítico que enriqueça a reflexão sobre o futuro da Administração enquanto campo científico vivo, dinâmico e socialmente relevante.

A relevância desta discussão se revela em duas dimensões complementares. No plano teórico, contribui para deslocar o debate sobre a cientificidade da Administração, superando a visão dicotômica entre “ciência” e “não-ciência” e reafirmando-a como ciência social aplicada, situada e plural (Whitley, 1977; Andion, 2023). No plano prático, oferece caminhos para que pesquisadores e profissionais ampliem suas estratégias metodológicas, tornando-as mais criativas, reflexivas e sensíveis aos desafios do presente.

Portanto, mais do que apresentar respostas definitivas, este ensaio teórico busca fomentar um debate crítico sobre as condições e caminhos para que a Administração se fortaleça como ciência social aplicada, plural e responsiva às demandas contemporâneas, contribuindo, assim, para um campo mais reflexivo, metodologicamente aberto e epistemologicamente maduro.

Para isto, o presente ensaio é composto, além desta introdução, por mais três seções, sendo que a próxima busca fundamentos teóricos que embasem os argumentos aqui utilizados. Na sequência, a terceira seção aponta para questões como a cientificidade da administração e a transposição dos princípios de Feyerabend para o campo. Por último, algumas considerações finais são dispostas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Paul Karl Feyerabend e o Anarquismo Epistemológico

A trajetória intelectual de Paul Karl Feyerabend (1924–1994) é marcada por provocação e ousadia. Nascido em Viena, Áustria, atravessou experiências intensas na juventude, inclusive como oficial na Segunda Guerra Mundial, até consolidar-se como um dos mais controversos filósofos da ciência do século XX (Moreira & Massoni, 2011). Formado em Física e com forte atuação humanista, Feyerabend transitou por diferentes países e universidades, cultivando um pensamento que questionava a pretensão universal e normativa da ciência.

Sua obra mais influente, *Against Method* (1975), publicada no Brasil como *Contra o Método* (1977), propõe o que ficou conhecido como “anarquismo epistemológico”. Na obra é defendida a tese de que não existem regras metodológicas fixas e universais capazes de orientar a ciência em todos os contextos. Assim, entende-se que a ciência não tem uma estrutura fixa, e o progresso científico ocorre quando os pesquisadores ousam violar as regras aceitas (Feyerabend, 1977). Para ele, as descobertas mais significativas da história, como as de Galileu Galilei ou Albert Einstein, surgiram porque cientistas desafiaram os métodos estabelecidos e buscaram caminhos próprios, muitas vezes contra o consenso vigente (Feyerabend, 2011).

É fundamental destacar que o anarquismo epistemológico não equivale à negação do método ou à adoção do “vale tudo” de forma ingênua e arbitrária. Feyerabend argumenta que a rigidez metodológica limita a criatividade e a capacidade da ciência de se adaptar a fenômenos complexos, defendendo que métodos devem ser escolhidos e, se necessário, combinados conforme o problema investigado (Mello, 2008). Seu pensamento assemelha-se mais ao dadaísmo, uma recusa a se submeter a dogmas fixos, do que ao anarquismo político clássico.

Essa crítica vai ao cerne da ideia de que a cientificidade exige uniformidade. Para Feyerabend, a força da ciência reside justamente em sua abertura a múltiplos caminhos, sejam racionais, empíricos, intuitivos ou até contraintuitivos, desde que estes ampliem a compreensão do fenômeno investigado. Essa liberdade metodológica é, em última análise, uma forma de pluralismo, onde diferentes estratégias coexistem e dialogam, ao invés de serem vistas como excludentes (Oliveira & Nunes, 2021).

Ao abordar os grandes saltos paradigmáticos da ciência, como a revolução copernicana ou a teoria quântica, Feyerabend demonstra que esses avanços não seguiram um método único e pré-estabelecido, mas surgiram quando cientistas desafiaram consensos e experimentaram alternativas antes consideradas heterodoxas (Feyerabend, 2011). Esse histórico questiona diretamente a crença de que apenas métodos consagrados são válidos ou suficientes para explicar fenômenos complexos.

Assim sendo, o anarquismo epistemológico é sinônimo de crítica ao engessamento metódico. Portanto, é defendido por Feyerabend a ideia de que os cientistas devem ser livres para usar qualquer forma ou instrumento que considerem adequados para o seu contexto de pesquisa específico. Assim sendo, a ideia central é que a ciência avança melhor quando há liberdade metodológica, permitindo a inovação e a criatividade (Feyerabend, 1977).

Estudos apontam que na Administração, os pesquisadores ainda estão dogmatizados e inclinados para o uso de regramentos padronizados, quando na verdade a área não se comporta de tal forma (Andion, 2023; Leão et al., 2009). Ou seja, por ser uma ciência social aplicada, a Administração acontece a partir de suas práticas, de modo que engessar os métodos e técnicas é assinar o atestado de não conseguir alcançar os resultados com rigor, ainda que o que esteja sendo pesquisado seja idêntico ou semelhante. Assim sendo, é preciso o aceite do anarquismo

epistemológico na administração, para que as pesquisas consigam capturar todas as questões inerentes ao objeto de estudo.

2.2 O princípio do “tudo-vale” e suas implicações para a Administração

No cerne da proposta de Paul Karl Feyerabend está o provocativo princípio do “tudo-vale” (*anything goes*). Longe de ser uma apologia ao caos, esse princípio parte da observação histórica de que os grandes avanços científicos não surgiram de uma aplicação linear de métodos universais e fixos, mas da ousadia de pesquisadores em violar normas estabelecidas, adotar práticas consideradas marginais e criar combinações metodológicas até então impensáveis (Feyerabend, 2011).

Para Feyerabend, a ideia de que apenas um método científico padronizado poderia garantir resultados verdadeiros não resiste à análise da própria história da ciência. Galileu Galilei, por exemplo, teria recorrido a argumentos retóricos e estratégias *ad hoc* para defender o heliocentrismo em um contexto cultural hostil (Feyerabend, 2011). Albert Einstein, ao formular a teoria da relatividade, rompeu com pressupostos básicos da mecânica *newtoniana* e ignorou partes do método experimental vigente para priorizar uma coerência teórica interna. Esses episódios revelam que a ciência não é movida exclusivamente pela aplicação rígida de regras, mas também por criatividade, intuição, imaginação e até transgressão metodológica (Oberheim, 2006).

Na Administração, o “tudo-vale” ganha sentido especial. Isso porque essa área lida com objetos de estudo complexos, dinâmicos e profundamente situados em contextos históricos, culturais e simbólicos. Organizações, práticas gerenciais e fenômenos sociais não são passíveis de generalizações absolutas como em ciências naturais, haja vista que demandam abordagens que considerem múltiplas dimensões, quantitativas e qualitativas, objetivas e subjetivas (Andion, 2023). O “tudo-vale” sugere que, nesses campos, não há método único ou caminho privilegiado, e que a escolha metodológica precisa partir do problema, do contexto e das perguntas formuladas, e não de um modelo pré-definido.

Essa abertura metodológica não implica abandono do rigor científico. Pelo contrário, Feyerabend defende que o rigor deve ser compreendido como coerência entre método, problema e contexto, e não como obediência cega a protocolos universalizados (Mello, 2008). Essa perspectiva desloca a discussão da cientificidade, partindo da premissa de que uma pesquisa para ser científica não depende exclusivamente da aplicação de um método consagrado, mas a clareza e a justificação crítica da escolha metodológica, considerando as especificidades do objeto investigado. Para além disso, o princípio do “tudo-vale” tem implicações epistemológicas relevantes pois convida os pesquisadores a questionarem as hierarquias de saberes e métodos historicamente construídas.

Ao mesmo tempo, é importante reconhecer as críticas dirigidas a Feyerabend por autores como Lakatos (1978), que argumentaram que o “tudo-vale” poderia levar ao relativismo extremo, comprometendo a comparabilidade entre estudos e dificultando a construção de consensos científicos. Outros críticos apontam que a ausência de critérios pode abrir espaço para abusos e legitimação de pesquisas frágeis ou mal fundamentadas. Feyerabend, no entanto, rebate essas críticas lembrando que a liberdade metodológica não é ausência de critérios, mas a recusa de transformá-los em dogmas universais (Feyerabend, 1977).

Em síntese, o “tudo-vale” propõe à Administração que aceite sua própria natureza plural, complexa e situada. Trata-se de substituir a busca por um “método único e definitivo” por uma

postura reflexiva, crítica e aberta a múltiplas estratégias investigativas. Essa proposta não apenas enriquece a produção de conhecimento, como também fortalece o compromisso dessas ciências com a realidade concreta e dinâmica dos fenômenos que estudam.

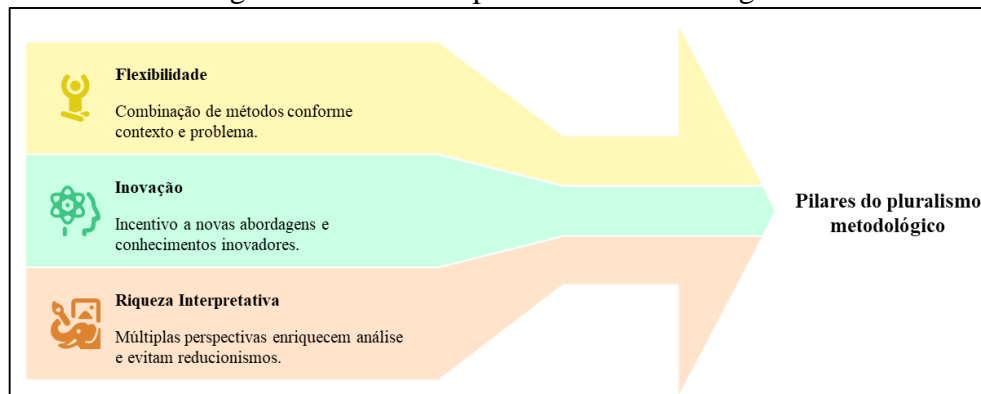
2.3 Pluralismo metodológico: limites, potencialidades e críticas

O pluralismo metodológico, inspirado pelo anarquismo epistemológico de Feyerabend (1977), propõe que as ciências devem aceitar múltiplos caminhos de investigação, rejeitando a imposição de um método único e universal. Essa perspectiva emerge como reação ao metodismo, que segundo Feyerabend (1977), restringe a criatividade científica ao obrigar o pesquisador a seguir regras invariáveis, independentemente do contexto ou da natureza do fenômeno estudado.

No âmbito da Administração, o pluralismo metodológico aparece como resposta ao desafio de investigar fenômenos complexos, multifacetados e situados historicamente. Abordagens quantitativas, qualitativas, mistas e até mesmo estratégias etnográficas, estudos de caso, análise documental, pesquisa-ação e análise crítica do discurso, podem e talvez, devam coexistir. Essa coexistência permite apreender diferentes dimensões da realidade organizacional, indo além da busca por generalizações para captar aspectos simbólicos, subjetivos e contextuais que frequentemente escapam a modelos rígidos (Silva & Costa, 2019).

A potencialidade central do pluralismo metodológico reside em três pilares, conforme pode-se ver na Figura 1.

Figura 1 - Pilares do pluralismo metodológico.



Fonte: este ensaio (2025).

Primeiro, a flexibilidade, ao permitir que o pesquisador selecione ou combine métodos conforme o problema investigado e o contexto empírico. Segundo, a inovação, pois ao abrir espaço para abordagens não tradicionais, incentiva a produção de novos conhecimentos e teorias mais sensíveis às transformações organizacionais e sociais contemporâneas (Oliveira & Nunes, 2021). Terceiro, a riqueza interpretativa, ao possibilitar múltiplas perspectivas analíticas, enriquecendo a compreensão dos fenômenos e evitando reducionismos.

Na Administração, a adoção do pluralismo metodológico encontra barreiras institucionais e culturais. Ainda persiste um predomínio de métodos quantitativos oriundos das ciências naturais, muitas vezes valorizados por parecerem mais “científicos” ou “objetivos” (Silva & Costa, 2019). Essa preferência pode levar à desvalorização de métodos qualitativos ou interpretativos na Administração, embora estes sejam mais aptos a captar fenômenos subjetivos e processos sociais complexos. É nesse ponto que a proposta de Feyerabend dialoga com a área,

ao defender que nenhuma abordagem deve ser considerada intrinsecamente superior. Portanto, a escolha metodológica deve ser sempre situada, dialógica e crítica.

Em síntese, o pluralismo metodológico representa uma oportunidade para que a Administração se afirme como ciência social aplicada, reconhecendo sua própria complexidade e superando a rigidez herdada de modelos positivistas, sem deixar de considerá-los quando preciso for. Embora apresente limites e exija vigilância crítica, esse caminho amplia a capacidade do campo de gerar conhecimento relevante, adaptável e sensível aos desafios do século XXI, aparentando ser um movimento essencial para consolidar a Administração como disciplina científica viva, dinâmica e plural.

2.4 Possíveis diálogos com a Administração enquanto ciência social aplicada

A reflexão sobre o pluralismo metodológico e o anarquismo epistemológico de Feyerabend encontra terreno fértil na Administração, sobretudo ao oferecer a oportunidade da comunidade reconhecê-la como ciência social aplicada. Diferente das ciências naturais, que tradicionalmente buscam generalizações e leis universais, a Administração lida com fenômenos complexos, situados e marcados pela ação humana, pela cultura organizacional e por múltiplas dimensões simbólicas e contextuais (Silva & Costa, 2019). Esse caráter torna especialmente relevante a adoção de perspectivas metodológicas flexíveis, capazes de dialogar com a diversidade de realidades organizacionais.

O diálogo entre o anarquismo epistemológico e a Administração abre a possibilidade de questionar paradigmas dominantes e valorizar a criatividade investigativa. Ao propor que “tudo-vale”, no sentido de que diferentes métodos, podem contribuir para compreender melhor os fenômenos administrativos, Feyerabend (1977) inspira pesquisadores a pensar além de modelos rígidos, reconhecendo que o valor da ciência reside na capacidade de gerar novos sentidos, mais do que seguir caminhos pré-estabelecidos.

Essa perspectiva tem implicações diretas para a prática acadêmica e para a formação de pesquisadores. Assim, sugere-se que os problemas de pesquisa sejam colocados no centro da escolha metodológica, ao invés de submeter o problema ao método previamente escolhido, mudança que exige maturidade teórica e reflexividade.

Ademais, o anarquismo epistemológico permite repensar a concepção de cientificidade na Administração. Ao invés de julgar o campo pela presença ou ausência de um único paradigma dominante, como ocorre em algumas ciências básicas (Kuhn, 2013), passa-se a considerar a Administração como uma ciência plural, situada e aberta a diversas abordagens e estratégias de investigação. Essa mudança desloca o critério de validade científica da rigidez metodológica para a coerência interna entre problema, método e contexto, e para a capacidade de gerar conhecimento relevante, socialmente útil e transformador.

Por outro lado, essa abertura não implica aceitar qualquer abordagem sem critérios. É essencial que a flexibilidade seja acompanhada de fundamentação teórica consistente, justificativa metodológica clara e compromisso ético com a produção de conhecimento robusto. Como destaca Lakatos (1978), sem uma base argumentativa sólida, a ciência corre o risco de perder coerência e sentido acumulativo.

Portanto, no campo da Administração, a pluralidade metodológica pode ainda servir de ponte entre teoria e prática. Organizações contemporâneas operam em cenários marcados pela incerteza, complexidade e mudanças rápidas. Métodos mais flexíveis permitem captar essas

dinâmicas de forma sensível, construindo teorias e propostas de intervenção alinhadas às necessidades reais dos contextos organizacionais (Oliveira & Nunes, 2021).

Em síntese, os possíveis diálogos entre o anarquismo epistemológico e a Administração enquanto ciência social aplicada não se restringem a uma simples adesão ao “tudo-vale”. Eles convidam a repensar o fazer científico, deslocando o foco de regras fixas para uma atitude investigativa plural, crítica e situada, que valorize tanto a diversidade metodológica quanto a relevância prática. Essa postura tem o potencial de fortalecer a identidade científica da Administração, ao reconhecê-la como campo vivo, dinâmico e profundamente conectado à complexidade das organizações e da sociedade contemporânea.

3 BREVE DEBATE SOBRE A CIENTIFICIDADE DA ADMINISTRAÇÃO

3.1 E na administração, “tudo-vale”?

O princípio do “tudo-vale”, formulado por Paul Feyerabend (1977), não deve ser confundido com uma defesa de desordem metodológica ou ausência de rigor. Na perspectiva do filósofo austríaco, trata-se de uma crítica ao dogmatismo que impõe métodos fixos e universais, defendendo que a ciência avança justamente quando os pesquisadores ousam questionar padrões estabelecidos, experimentando caminhos alternativos, muitas vezes contraintuitivos ou heterodoxos (Feyerabend, 2011). Nesse sentido, “tudo-vale” significa reconhecer que não existe uma metodologia única capaz de explicar toda a complexidade dos fenômenos investigados, na verdade cada contexto pode demandar estratégias distintas, combinadas ou mesmo inovadoras (Mello, 2008).

Transpondo essa reflexão para o campo da Administração, observa-se que o predomínio histórico de métodos quantitativos, herdados das ciências naturais, muitas vezes privilegia a busca por generalizações e regularidades. Contudo, por se tratar de uma ciência social aplicada, a Administração lida cotidianamente com fenômenos marcados por subjetividade, historicidade, complexidade e múltiplas dimensões simbólicas (Silva & Costa, 2019). Essa realidade torna evidente que a escolha metodológica deve ser orientada não por padrões pré-estabelecidos, mas pelas características do objeto de estudo e pelas demandas do contexto investigado (Oliveira & Nunes, 2021).

Importante frisar que a adoção do “tudo-vale” não implica relativismo absoluto ou aceitação irrefletida de qualquer abordagem. Pelo contrário, exige que o pesquisador fundamente teoricamente suas escolhas, apresente coerência interna e justifique a adequação entre método e fenômeno (Andion, 2023). Assim, a pluralidade metodológica defendida por Feyerabend não elimina critérios de validade, na verdade amplia as possibilidades, permitindo a combinação de métodos, desde que articulados de forma consistente ao objetivo da pesquisa.

Aplicar o princípio do “tudo-vale” na Administração significa, portanto, cultivar flexibilidade investigativa, estimular inovação metodológica e reconhecer a natureza situada e contingente da área. Esse movimento contribui para aproximar teoria e prática, ao permitir que as pesquisas dialoguem mais diretamente com os desafios concretos das organizações contemporâneas (Walter & Augusto, 2008). Além disso, fortalece o entendimento da Administração como campo científico plural, dinâmico e responsivo, onde diferentes perspectivas e métodos são vistos como complementares, não excludentes.

Ao valorizar a diversidade metodológica, a Administração amplia sua capacidade de capturar nuances, contradições e mudanças constantes que caracterizam os contextos organizacionais. Dessa forma, rompe-se com a ideia de que a cientificidade exige um único paradigma

hegemônico, abrindo espaço para abordagens criativas e mais sensíveis às particularidades dos fenômenos estudados. Em síntese, inspirar-se no “tudo-vale” de Feyerabend não significa abdicar da seriedade científica, mas, sim, construir um campo mais aberto, reflexivo e comprometido com a complexidade que lhe é inerente.

3.2 O pluralismo metodológico nas pesquisas em administração

Paul Feyerabend (1977) questionou de forma contundente a crença na existência de um método científico universal e fixo. Em seu anarquismo epistemológico, propôs que o progresso da ciência depende justamente da liberdade para romper com métodos estabelecidos e da abertura a diferentes estratégias investigativas. Essa postura, longe de defender o abandono da racionalidade, enfatiza a importância de reconhecer que as regras metodológicas são construções históricas, sujeitas a revisão e ruptura quando deixam de explicar adequadamente os fenômenos estudados (Feyerabend, 2011).

Transposta para a Administração, essa crítica ecoa de modo especialmente pertinente. A área, historicamente marcada pela influência de métodos positivistas vindos das ciências naturais, enfrenta dificuldades para lidar com a complexidade, subjetividade e dinamismo das organizações contemporâneas (Silva & Costa, 2019). O pluralismo metodológico, inspirado por Feyerabend, propõe que diferentes abordagens quantitativas, qualitativas, mistas, podem e devem ser combinados, desde que fundamentados teoricamente e articulados ao objeto de estudo (Oliveira & Nunes, 2021).

Essa postura pluralista vai além da simples soma de métodos, ela exige uma sensibilidade para reconhecer que realidades organizacionais são multifacetadas, que comportam contradições, ambiguidades e múltiplas vozes (Andion, 2023). Ao invés de buscar homogeneidade, o pluralismo metodológico valoriza a riqueza que emerge da diversidade de perspectivas, oferecendo uma compreensão mais profunda e integrada dos fenômenos administrativos.

Além disso, adotar o pluralismo metodológico significa reconhecer a flexibilidade como valor epistemológico. Diferentes contextos, problemas de pesquisa e públicos demandam abordagens distintas. Em projetos aplicados ou estudos de caso, por exemplo, métodos qualitativos e interpretativos podem revelar nuances que escapariam a análises exclusivamente estatísticas. Da mesma forma, pesquisas de larga escala podem se beneficiar de triangulações metodológicas que combinem análises quantitativas e narrativas para captar tanto padrões gerais quanto particularidades (Walter & Augusto, 2008).

Outro ponto relevante é que o pluralismo metodológico fomenta a criatividade científica. Ao afastar-se do engessamento metodológico, o pesquisador sente-se autorizado a experimentar novas formas de coleta e análise de dados, dialogar com áreas vizinhas e propor interpretações inovadoras. Esse ambiente propício à inovação contribui para a vitalidade teórica da Administração e aumenta sua capacidade de responder aos desafios práticos enfrentados pelas organizações no século XXI.

Importa sublinhar, contudo, que o pluralismo metodológico não implica ausência de rigor. Pelo contrário, exige maior responsabilidade teórica, clareza na exposição de escolhas metodológicas e coerência entre objetivos, métodos e resultados. A liberdade defendida por Feyerabend pressupõe reflexão crítica e argumentação consistente, evitando que a diversidade metodológica se converta em ecletismo superficial (Mello, 2008).

Nesse sentido, ao adotar o pluralismo metodológico, a Administração se alinha mais plenamente ao seu caráter de ciência social aplicada, que dialoga com contextos concretos e

privilegia soluções adaptadas à realidade (Whitley, 1977). Esse movimento pode também contribuir para superar a histórica desconfiança sobre a cientificidade da área, mostrando que rigor e flexibilidade não são antagônicos, mas complementares.

Por fim, ao propor um campo mais aberto, plural e responsivo, a perspectiva pluralista rompe com a visão de que há um único caminho válido para a construção do conhecimento administrativo. Abre-se, assim, espaço para abordagens inovadoras e críticas, capazes de lidar melhor com a complexidade, as contradições e a dinamicidade que caracterizam o ambiente organizacional contemporâneo. Essa visão pluralista, longe de enfraquecer a Administração, pode fortalecê-la como ciência social aplicada, conectada aos desafios reais das organizações e da sociedade.

4. PALAVRAS FINAIS

Adotar uma perspectiva anarquista na Administração não significa rejeitar por completo os métodos científicos de pesquisa tradicionais, mas sim romper com a ideia de que existe uma única forma legítima de produzir conhecimento. Ao defender o pluralismo metodológico, inspirado no anarquismo epistemológico de Paul Feyerabend, este ensaio argumenta que o progresso científico na Administração depende justamente da capacidade de questionar dogmas, flexibilizar procedimentos e incorporar abordagens diversas, sempre orientadas pelo problema de pesquisa e pelo contexto em que ele se insere.

Essa abertura metodológica não implica desordem ou perda de rigor. Pelo contrário, exige uma postura crítica e reflexiva do pesquisador, que passa a justificar com mais clareza suas escolhas, dialogar com diferentes tradições teóricas e estar atento às especificidades dos fenômenos organizacionais contemporâneos. Em um campo marcado pela complexidade, incerteza e dinamicidade, valorizar a diversidade metodológica torna-se não apenas desejável, mas necessário para compreender plenamente realidades tão multifacetadas.

Trazer o pluralismo metodológico de Feyerabend para os estudos em Administração ajuda a superar as limitações impostas por modelos herdados de outras ciências, que por vezes reduzem a riqueza dos fenômenos administrativos a variáveis quantificáveis. Ao relativizar a centralidade de um único paradigma como critério de cientificidade, abre-se espaço para abordagens mais sensíveis ao contexto, mais criativas e, sobretudo, mais conectadas com os desafios sociais e organizacionais do presente.

Ao longo deste ensaio, buscou-se não oferecer respostas definitivas, mas fomentar uma reflexão crítica sobre o status científico da Administração. Parte-se da hipótese de que, ao abraçar o pluralismo metodológico, a área pode avançar não apenas no plano teórico, mas também na prática, desenvolvendo soluções mais adaptáveis e inovadoras para problemas reais. Para isso, é fundamental enfrentar barreiras institucionais e culturais que ainda privilegiam visões mais restritas de ciência, promovendo um ambiente acadêmico que valorize a experimentação, o diálogo entre diferentes métodos e a liberdade investigativa.

O anarquismo epistemológico, ao defender a rejeição de uma única abordagem rígida, mostra-se particularmente relevante para uma ciência social aplicada como a Administração, cujos fenômenos exigem múltiplas lentes interpretativas. Nesse sentido, ser metodologicamente plural e reconhecer que, em muitos casos, “tudo-vale”, desde que justificado e contextualizado, não apenas enriquece a compreensão dos fenômenos administrativos, como fortalece o campo enquanto ciência viva, crítica e socialmente relevante. Assim, mais do que afirmar que a

Administração é ou não uma ciência, o convite que este ensaio faz é para repensar como ela pode ser uma ciência melhor: mais aberta, reflexiva e plural.

Referências

- Andion, C. (2023). Pesquisa social crítica e administração pública: contribuições e desafios. *Revista de Administração Pública*, 57(2), 405–428. <https://doi.org/10.1590/0034-761220220168>
- Bericat, E. (1998). *La integración de los métodos cuantitativo y cualitativo en la investigación social: Significado y medida*. Ariel.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis: Elements of the sociology of corporate life*.
- Damke, E. J., Walter, S. A., & da Silva, E. D. (2010). A Administração é uma Ciência? Reflexões Epistemológicas acerca de sua Cientificidade. *Revista de Ciências da Administração*, 12(28), 127-146.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of management review*, 14(4), 532-550.
- Feyerabend, P. K. (1977). *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Feyerabend, P. K. (2007). *Contra o método*. São Paulo: UNESP.
- Feyerabend, P. K. (2011). *Contra o método*. Trad. Cezar Augusto Mortari. 2ª Ed. São Paulo: Editora Unesp.
- Goll, C. K. C., Meller, J. K., Witt, D. T., Pereira, K., Kemczinski, A., & Comiotto, T. (2018). Anarquismo Metodológico de Paul Feyerabend: abordagens na Ciência. *Revista Thema*, 15(2), 539-552.
- Kuhn, T. S. (2013). *A estrutura das revoluções científicas* (5ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lakatos, I. (1978). *The methodology of scientific research programmes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Machlup, F. (1961). Are the social sciences really inferior?. *Southern Economic Journal*, 173-184.
- Mello, C. L. de. (2008). Ciência e método: notas sobre o anarquismo epistemológico de Paul Feyerabend. *Revista Brasileira de Filosofia*, 57(226), 181–203.
- Moreira, M. A.; & MASSONI, N. T. (2011). *Epistemologias do Século XX*. São Paulo: EPU Grupo Gen.
- Oberheim, E. (2006). *Feyerabend's philosophy*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Oliveira, G. M. D., & Nunes, E. D. S. (2021). Pluralismo metodológico na pesquisa em Direito: uma proposta de diálogo interdisciplinar. *Revista Direito GV*, 17(2), e2019. <https://doi.org/10.1590/2317-6172201921>
- Santos, S. A. D. (2004). Existem paradigmas em administração?: uma análise sobre o uso do conceito. *Fronteiras da administração I: teorias, aplicações e tendências*.
- Silva, A. B., & Neto, J. R. (2006). *Pesquisa multiparadigmática nos estudos organizacionais. Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*, São Paulo, Saraiva.

Silva, E. D. (2002). Por que la administración de empresas es una ciencia. In CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESCOLAS DE ADMINISTRAÇÃO (Vol. 37).

Silva, J., & Costa, J. P. (2019). Epistemologia e metodologia na pesquisa em Administração: desafios e perspectivas. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(3), 357–372. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2019180186>

Thompson, J. D. (1956). On building an administrative science. *Administrative Science Quarterly*, 102-111.

Thuillier, P. (1994). *De Arquímedes a Einstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Walter, S. A., & Augusto, P. O. M. (2008). O status científico da pesquisa em administração. *Revista de Negócios*, 13(4), 56-71.

Whitley, R. (1977). The sociology of scientific work and the history of scientific developments. *Perspectives in the Sociology of Science*, 21-50.